

O DOGMA É O DRAMA: UMA TEOLOGIA PARA OS PEREGRINOS NO CAMINHO

Em 1949, a dramaturga e romancista inglesa Dorothy Sayers observou uma antipatia comum à doutrina em seus dias: “Dogma enfadonho, eles o chamam”. De acordo com Sayers, no entanto, o cristianismo é a história mais interessante jamais contada. “E o dogma é o drama.”¹ Para muitos cristãos, palavras como *doutrina* e *teologia* – e especialmente *teologia sistemática* – evocam imagens de orgulho intelectual, divisionismo e a presunção de que podemos colocar Deus numa caixa, ordenadamente explicado pelas nossas categorias e formulações. É claro que somos quase infinitamente competentes para usar coisas boas com motivos corruptos e para fins menos do que dignos. Também podemos revelar orgulho espiritual pela nossa experiência ou moral. No entanto, o objetivo da boa teologia é humilhar-nos diante do Deus trino de majestade e graça. Como veremos de maneira mais completa, os antigos teólogos da Reforma e da pós-Reforma estavam tão convictos que suas interpretações estavam muito distantes da majestade de Deus que eles chamavam seus resumos e sistemas de “nossa humilde teologia” e “uma teologia para peregrinos no caminho”.

I. POR QUE TEOLOGIA? DRAMA, DOCTRINA, DOXOLOGIA E DISCIPULADO

Teologia significa simplesmente “o estudo de Deus” e *doutrina* significa “ensino”. Desde que a principal mensagem das Escrituras é o desdobramento do mistério de Cristo, aquele que revela o seu Pai e nos reconcilia com ele, a teologia é uma preocupação central de todo cristão. Seria estranho se disséssemos ao nosso cônjuge ou para outras pessoas que amamos que queremos gastar tempo com eles e ter comunhão com eles regularmente, mas nada queremos saber sobre eles – suas características, conquistas, histórias pessoais, coisas de que gostam e de que não gostam e planos para o futuro.

¹ Dorothy Sayers. *Creed or chaos*. (Nova York: Harcourt & Brace, 1949), p. 3.

No entanto, quando falamos de Deus, com frequência as pessoas imaginam ser possível ter um relacionamento pessoal com Deus à parte da teologia. De fato, alguns cristãos assumem que o fato de conhecer doutrina e a vida prática são interesses rivais. A dicotomia moderna entre doutrina e vida, teologia e discipulado, conhecer e fazer, teoria e prática, tem tido consequências desastrosas na vida da igreja e no seu testemunho para o mundo. Espero mudar a mente de alguns leitores a respeito da teologia sistemática e de sua relevância ao primeiramente mudar nossas pressuposições operantes sobre sua natureza, objetivos e métodos.

A. DRAMA: A MAIOR HISTÓRIA JAMAIS CONTADA

Um mito moderno é o de que nós superamos as histórias. Quando alguém nos pede para explicar quem somos, nós contamos uma história. Ademais, interpretamos nossas narrativas pessoais como parte de um enredo maior. Quem somos? Por que estamos aqui? Para onde estamos indo? Qual é o objetivo? Existe um Deus e, em caso afirmativo, é possível conhecê-lo? Por que existe mal no mundo? As questões mais importantes, que exigem a análise intelectual mais rigorosa, são realmente doutrinas que emergem de uma história particular que nós ou pressupomos ou aceitamos com convicção explícita. O cristão responde a essas grandes perguntas ao recitar a história do Deus trino na criação, a queda das criaturas que ele fez à sua própria imagem, a promessa de um redentor por meio de Israel, e o cumprimento de todos os tipos e sombras na encarnação, vida, morte, ressurreição, ascensão e retorno de Jesus Cristo. Os credos apostólico e niceno não são apenas uma lista de doutrinas-chave; eles são uma confissão em forma de uma história, nosso testemunho compartilhado dos fatos mais importantes da realidade.

Os secularistas atuais imaginam frequentemente que suas crenças mais profundamente enraizadas não são na verdade crenças em hipótese alguma, mas estão mais para simples reconhecimento de fatos. Eles supõem que não estão envolvidos de forma pessoal, e certamente não têm senso de que esses “fatos” são interpretados por meio de um conjunto maior de pressupostos (i.e., narrativa). De fato, “contar uma história” é frequentemente classificado com os mitos e as fábulas. Embora a cura seja pior do que a doença, se tomada em doses excessivas, a crítica pós-moderna do “mito da neutralidade” ou “a visão de lugar algum” fornece um poderoso antídoto à arrogância da razão moderna. Não é apenas a tribo remota ou o entusiasta religioso que têm seus pressupostos, convicções e práticas moldados por uma história particular; as ideias modernas de “progresso”, “iluminismo” e “libertação” também são parte de uma narrativa compartilhada que tem sido assumida por ocidentais desde o Renascimento, mas especialmente depois dos séculos 17 e 18.

É claro que a “realidade” não é apenas uma construção da vontade; “verdade” não é apenas uma mentira útil ou uma ficção inteligente, como Friedrich Nietzsche pensava. No entanto, nossa compreensão da verdade da realidade é

sempre interpretada. Por exemplo, na sepultura de uma pessoa amada, três pessoas podem estar diante da mesma realidade (i.e., a morte). A primeira pessoa interpreta o acontecimento dentro da narrativa do estar “morto em Adão” *versus* tendo “vida eterna em Cristo”, enquanto a segunda pessoa trata a morte como uma libertação da alma para (espera-se) uma reencarnação melhor, e a terceira pessoa pode interpretar o mesmo acontecimento como não mais do que uma cessação das funções temporais.

Por mais de três séculos agora, ateus e céticos têm catequizado o Ocidente na crença de que à medida que a cultura progredir a crença em Deus – ou pelo menos na intervenção divina extraordinária na natureza e na História – vai acabar. O que os proponentes esquecem é que o próprio conceito de “progresso” em si pressupõe certo tipo de fé: uma interpretação de realidade que exige um compromisso pessoal. Entre outras coisas, esse conceito de progresso pressupõe que a realidade é inteiramente autocriada e autorregulada (autônoma), de tal modo que a própria ideia de um Deus pessoal que entra num mundo que temos definido como “sem Deus” já exclui a possibilidade de entreter reivindicações específicas do contrário. O físico mais rigoroso pode tornar-se o dogmático mais rígido, fechando a sua mente arbitrariamente para qualquer argumento ou evidência que possa desafiar tais pressupostos. Os paradigmas narrativos são resistentes. Eles podem ser derrubados, mas todos trabalham ativamente para preservá-los do *impeachment*. No Ocidente, houve um tempo que alguém poderia tornar-se ateu ou deísta apenas com considerável dificuldade; a narrativa muito difundida dentro da qual todos funcionavam tornava a descrença implausível. Hoje, é exatamente o oposto. A crença no Deus trino das Escrituras que fala e age na História requer um ato de apostasia do credo assumido na nossa era.

Digo tudo isso para deixar claro que não é apenas a religião que precisa de histórias. A conexão inextricável entre fé e prática em termos de drama, doutrina, doxologia e discipulado tem corolários evidentes em cada filosofia, religião e cultura. O drama determina as grandes perguntas, bem como as respostas. As doutrinas são convicções que emergem à luz desse drama. Pessoas não juntam suas crenças uma a uma, empilhando uma sobre a outra. Em vez disso, há certa limitação nas crenças que uma pessoa específica está disposta a aceitar dada a plausibilidade do paradigma (ou drama) que ele ou ela no momento assumiu como verdadeiro. E então, ninguém menos do que o cristão mais ardente faz o cético religioso viver de acordo com essas convicções. Não menos do que o cristianismo, o marxismo e o capitalismo, a democracia e o totalitarismo, o feminismo e o fascismo são, de fato, histórias que envolvem compromisso pessoal. Não estou afirmando com isso que há apenas interpretações (histórias) e não fatos (verdades), mas que não existe tal coisa como fatos não interpretados.

Visto que Deus é o autor da realidade, é a interpretação dele que devemos procurar. Ninguém pode viver de fato no mundo que é imaginado pelo secularismo. Nem mesmo o niilista mais endurecido pode viver no mundo de pura falta de significado que a sua própria narrativa pressupõe. Na sua prática diária,

o mais ardente cético religioso deve pressupor uma ordem e inteligibilidade básicas na realidade que contradiz o credo da criação autônoma pelo acaso.

Hoje, uma história (narrativa) que alegue que não é uma história é chamada de uma *metanarrativa* (*meta* significando “além”). Muitos dos pressupostos mais inquestionados da modernidade foram simplesmente tomados como veredictos da razão absoluta e universal. Por exemplo, onde progresso para os cristãos significa tanto a execução do plano redentor de Deus na História quanto nosso crescimento em graça e conhecimento de Deus (definido pela história bíblica), para os secularistas atuais progresso significa a libertação da superstição infantil (i.e., a crença na intervenção milagrosa de um Deus transcendente na História e na natureza). Tudo na religião – particularmente a fé bíblica – que pertencia a uma narrativa ou história foi repudiado como mito, e qualquer verdade contida nessas histórias tinha de ser demonstrada pelos cânons da razão e da moralidade universais. Na sua versão mais autoritativa, a religião foi considerada como “não científica”. Em meados do século 20, o teólogo Rudolf Bultmann formulou um método de “demitologizar” a Bíblia, de modo que as pessoas modernas ainda pudessem achar o evangelho relevante à sua existência no mundo sem ter de aceitar suas histórias carregadas de milagre.

Essa não é a primeira vez que a filosofia tentou traduzir mito em princípios puros e eternos de razão, moralidade ou experiência. De fato, os maiores expoentes da filosofia ocidental – especialmente Sócrates, Platão e Aristóteles – tentaram refinar o ouro da verdade libertando-o da escória dos mitos gregos dos deuses. O resultado é uma metanarrativa – uma história disfarçada de uma descrição puramente racional das “coisas como elas realmente são”.

Num ensaio seminal, Jean-François Lyotard resumiu o pós-modernismo como “incredulidade em relação a qualquer metanarrativa”. Como ele a definiu, uma metanarrativa é uma história “demitologizada”. Fingindo ter transcendido narrativas particulares e descoberto a verdade arquetípica em si, nós nos esquecemos de que muitos dos valores, expectativas e convicções mais caros são criações vinculadas a um tempo e lugar particulares, em vez de serem verdades universais.²

Numa reação contra o pós-modernismo, alguns cristãos têm insistido que o cristianismo é, de fato, uma metanarrativa. No entanto, essa posição baseia-se num entendimento incorreto. Para Lyotard, uma metanarrativa é certo modo pelo qual a modernidade legitimou seu discurso absolutista e o originou ou fundamentou na razão autônoma. “No discurso filosófico”, observa Merold Westphal, “*meta* significa uma diferença de nível e não primariamente de tamanho”. No entanto, a fé bíblica não se legitima ou se fundamenta desse modo.

² Jean-François Lyotard, *The postmodern condition: A report on knowledge* (trad. Geoff Bennington e Brian Massumi; Minneapolis: Universidade de Minnesota, 1984), xxiv, xx, 34, 37. Para uma ótima interpretação da intenção de Lyotard, veja Merold Westphal, *Overcoming onto-theology: Toward a postmodern Christian faith* (Nova York: Fordham Univ. Press, 2001), xiii–xv.

“Agora, inegavelmente o cristianismo é uma *meganarrativa*, uma grande história. Mas a história que começa como ‘Haja luz’ e termina com o ‘coro de aleluia’ sob a batuta do anjo Gabriel não é uma *metanarrativa*.” O recital da *Heilsgeschichte* [história da redenção] no credo e nos sermões pertence à primeira ordem do discurso cristão.³ É uma confissão de fé, um ato pessoal de testemunho do Deus que entrou na nossa História em e por meio de uma narrativa particular que não pode ser “traduzida” ou demitologizada em termos seculares. Todas as nossas cosmovisões são histórias. O cristianismo não afirma ter fugido desse fato. Os profetas e apóstolos estavam completamente conscientes do fato de que eles estavam interpretando a realidade dentro da estrutura de uma narrativa particular de criação, queda, redenção e consumação, conforme contada a um povo particular (Israel) para o benefício do mundo. A fé bíblica afirma que sua história é aquela contada por Deus, que relativiza e julga as outras histórias sobre Deus, sobre nós e sobre o mundo – especialmente aquelas que têm assumido uma forma de metanarrativas prometeicas. A metanarrativa moderna (Iluminismo) deu origem a uma série de dogmas que têm, por sua vez, gerado uma forma de vida – práticas que tomamos por certo. Como as guerras dos últimos 100 anos atestam, essas narrativas e sistemas têm literalmente movido exércitos.

A escrita de metanarrativas é precisamente o que muitos filósofos (e teólogos) ocidentais estavam dispostos a produzir quando tentaram transpor a história cristã em símbolos de verdades supostamente mais elevadas. Por exemplo, embora para eles Cristo não fosse o Deus encarnado que morreu pelos nossos pecados e foi corporalmente ressuscitado no terceiro dia, a modernidade permitiu que sua morte e ressurreição permanecessem ainda como símbolos do reino universal do dever ético, do amor ou da experiência religiosa.

Sempre que a história da redenção é explorada pelo seu potencial simbólico nas causas de razão, religião, moralidade, comunismo ou democracia, capitalismo ou socialismo, progresso científico, arrogância imperial ou nacional, ela deixa de ser cristianismo. Para os filósofos gregos, os mitos dos deuses eram “apenas uma história” – a casca dispensável que escondia o núcleo da verdade atemporal. O Iluminismo (e o liberalismo protestante) seguiu o mesmo curso com o cristianismo, assumindo que a filosofia e a ciência lidavam com julgamentos de *fato* (o que realmente aconteceu), enquanto a religião estava preocupada com os julgamentos de *valor* (o significado que encontramos no mito).

Os profetas e apóstolos não acreditavam que os atos poderosos de Deus na História (*meganarrativas*) eram mitos dispensáveis que representavam verdades universais (*metanarrativas*). Para eles, a grande história não apontava para alguma outra coisa além dela mesma, mas ela própria era o ponto. Deus realmente criou todas as coisas, incluindo homens à sua imagem, e levou Israel a atravessar o mar Vermelho pisando em terra seca. Ele realmente afogou um reino maior do que o Faraó e seu exército na morte e ressurreição de Cristo. Os atos poderosos

³ Westphal, *Overcoming onto-theology*, xiii-xiv.

de Deus na História não são mitos que simbolizam verdades atemporais; eles criam o enredo revelado dentro do qual nossa vida e nosso destino encontram suas coordenadas corretas.

As metanarrativas dão origem a ideologias que reivindicam a submissão do mundo até mesmo, se necessário, por meio da violência. O cerne da narrativa cristã, ao contrário, é o evangelho – a boa-nova a respeito do amor salvífico e da misericórdia de Deus em Jesus Cristo. É a história que interpreta todas as outras histórias, cujo personagem principal é senhor sobre todos os outros senhores. No entanto, a história cristã também é diferente de tais metanarrativas em origem e legitimação, tendo

sua origem na revelação, não na filosofia, e mais especialmente não na filosofia moderna, fundamentada na autonomia do sujeito humano, seja o indivíduo como conhecedor (o *ego cogito* de Descartes), o indivíduo como detentor de direitos alienáveis (Locke, Jefferson) ou a humanidade moderna coletivamente como o cumprimento da História (Hegel, Marx, autoconsciência popular norte-americana como uma cidade colocada sobre um monte).⁴

Consequentemente, Westphal acrescenta,

o cristianismo tem pelo menos fundamentos tão bons quanto os de Lyotard para ser cético e desconfiado; cético com relação às reivindicações de ser a pura voz da razão sobre as bases de que a finitude e falibilidade humana solapam esse ideal, que remonta à noção de Platão da alma humana como divina; e desconfiado quando (talvez com a ajuda de Lyotard) as metanarrativas da modernidade são vistas pelo que de fato são, a autolegitimação da autolaudatória modernidade.⁵

As metanarrativas tentam “nos” justificar e julgar o resto do mundo, enquanto na fé bíblica Deus nos julga e justifica também o ímpio.⁶

Não precisamos dizer que o cristianismo é uma metanarrativa para afirmar que ele é *verdadeiro*. C. S. Lewis afirmou que o cristianismo é o mito *verdadeiro* – o mito que realmente tornou-se fato. “Ele *acontece* – numa data particular, num lugar específico, seguido de consequências históricas definíveis. Saímos de um Balder ou um Osíris, que morreram em data e lugar que ninguém sabe, para uma Pessoa histórica crucificada (tudo está em ordem) *sob Pôncio Pilatos*. Por

⁴ *Ibid.*, xv.

⁵ *Ibid.*

⁶ Westphal observa que, de acordo com a história cristã, há apenas um reino absoluto, e ele progride não por meio de conquista violenta, mas pela proclamação do evangelho. No processo, ele relativiza todos os reinos humanos e de fato tira a legitimidade de todas as formas de absolutismo, “incluindo o capitalismo democrático e a igreja cristã, exatamente ao grau em que eles não são a encarnação completa do reino de Deus”. Westphal (*ibid.*) conclui: “As metanarrativas da modernidade ‘nos’ legitimizam; as narrativas cristãs também ‘nos’ colocam sob julgamento. Ao saber como a história termina, não sabemos quais aspectos da nossa obra serão queimados como madeira, feno e palha. O cristianismo não é o alvo de Lyotard”.

tornar-se fato, não cessa de ser mito”⁷ Em outras palavras, ainda é uma história, embora seja verdadeira. Nem mesmo a ressurreição é uma metanarrativa; seu significado não pode ser simplesmente explicado da superfície dos acontecimentos históricos, mas é definido pelo seu contexto intratextual como parte de um enredo em curso.

Os profetas, apóstolos e evangelistas da Bíblia não imaginaram que *história* e *fato* eram de algum modo antitéticos (equivalentes a ficção e não ficção). Nem ocorreu a eles que a fim de oferecer testemunho dos acontecimentos históricos do momento eles teriam de ocupar um ponto de vantagem ostensivamente neutro, livre de valores. No entanto, eles também afirmaram que esta era a história de Deus, e que eles eram tanto testemunhas oculares dos seus atos quanto seus mensageiros escolhidos, que tinham recebido do próprio Deus a interpretação daqueles atos. Diferente dos ídolos das nações que são a cara do seu criador, o Deus de Israel é o Criador e o Redentor, o Alfa e o Ômega, o Senhor e o Consumador da História.

Enquanto a modernidade constrói os seus impérios com base numa metanarrativa de progresso, autossuficiência e confiança num destino de humanidade perfectível, a tendência em nossos tempos pós-modernos é perder qualquer senso consciente de que nossa própria vida é parte de um enredo maior. Tornamo-nos andarilhos sem rumo que vieram de nenhum lugar especial e não têm nenhum destino divino, mas são livres para escrever seus próprios roteiros individuais a partir de combinações sem sentido de escolha infinita. Em nossos dias, o roteiro nos é vendido com propaganda persuasiva que promove saúde, prosperidade e alegria aqui e agora. Nossa experiência diária é inundada com imagens de pessoas de sucesso e a história de vida que nós podemos ter se comprarmos os acessórios adequados. Até mesmo “Deus”, “Jesus” e espiritualidade têm o seu lugar, contanto que sejam meros instrumentos ou recursos para nossa autoconstrução e autotransformação. No entanto, não há nada especialmente *pós-moderno* nessa perspectiva. O que testemunhamos nas nossas culturas ocidentais contemporâneas não é tanto uma renúncia às metanarrativas, mas o domínio de uma nova, qual seja, a metanarrativa de vir de lugar algum e ir a lugar nenhum, tornando as coisas legais à medida que vamos entre o nascimento e a morte. Esse niilismo (lit., nadismo) aspira à condição de ideologia absoluta com tanta convicção quanto as cruzadas triunfalistas que o precederam.

No entanto, a fé cristã é um contradrama a todas as meganarrativas e metanarrativas dessa era de transição – antiga, medieval, moderna e pós-moderna. Ela fala do Deus trino que existiu eternamente antes da criação e de nós mesmos como personagens desse enredo. Criados à imagem de Deus ainda que caídos em pecado, temos nossa identidade formada pelo movimento dessa história dramática de promessa e cumprimento em Jesus Cristo. Esse drama também tem

⁷ C. S. Lewis, “Myth became fact”, em *God in the dock* (org. Walter Hooper; Grand Rapids: Eerdmans, 1970), 66-67.

seus acessórios poderosos, tais quais a pregação, o batismo e a Santa Ceia – os meios pelos quais deixamos de ser espectadores para sermos de fato incluídos no elenco. Depois de trocar os nossos trapos pelas riquezas da justiça de Cristo, agora encontramos nossa identidade “em Cristo”. Em vez de Deus ser um ator coadjuvante na história da nossa vida, nós nos tornamos parte do elenco que o Espírito está recrutando para a peça teatral de Deus.

A fé cristã é, em primeiro lugar e acima de tudo, um *drama*, uma *peça de teatro* em ação. Geerhardus Vos observou que “A Bíblia não é um manual dogmático, mas um livro histórico cheio de interesse dramático”.⁸ Essa história que vai de Gênesis a Apocalipse, centrada em Cristo, não apenas informa nossa mente de maneira rica; ela cativa o coração e a imaginação, animando e motivando nossa ação no mundo. Quando a História parece chegar a uma pausa em pecado, culpa e morte, os profetas levam o povo de Deus ao cumprimento de sua promessa numa nova aliança.

B. DOCTRINA: O “BÊ-Á-BÁ” DA FÉ

As grandes doutrinas da fé cristã surgem desse enredo dramático. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Onde o foco religioso do mundo se concentra sobre verdades eternas atemporais, os ensinamentos mais importantes dizem respeito a acontecimentos históricos. Houve um tempo em que o Filho ainda não havia encarnado e ainda não havia conquistado nossa redenção no Gólgota. No entanto, vivemos deste lado da ação divina. Ao mesmo tempo, Cristo ainda não voltou para consumir o seu reino. Muito já aconteceu, mas ainda há muito para acontecer. Isso significa que nós somos diferentes do que éramos, mas ainda não somos o que seremos; nossa identidade ainda é definida pelo atual mistério do evangelho. O evangelho é *boa-nova*, não boas instruções, boas ideias ou boas técnicas. Ele anuncia a “coisa nova” que Deus tem realizado na História por nós e pela nossa salvação: “Cantai ao SENHOR um cântico novo, cantai ao SENHOR, todas as terras. Cantai ao SENHOR, bendizei o seu nome; proclamai a sua salvação, dia após dia” (Sl 96.1-2).

Doutrina significa simplesmente “ensino”. Deus não apenas promete e realiza um futuro particular; ele explica as implicações. Assim, por exemplo, os Evangelhos concentram-se na narrativa dramática enquanto Jesus Cristo está de fato conquistando nossa redenção, enquanto as epístolas revelam o significado desses acontecimentos. Jesus não foi apenas crucificado e ressuscitado no terceiro dia; ele “foi entregue *por causa das nossas transgressões* e ressuscitou *por causa da nossa justificação*” (Rm 4.25, ênfase acrescentada). Como um comunicador eficaz, Deus nos diz o que ele está pronto para fazer, faz, e então nos diz o que ele fez. A doutrina resume essas conquistas divinas. Como Paul Ricoeur observou, a

⁸ Geerhardus Vos, *Biblical theology: Old and New Testaments* (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), 17.

doutrina impede a narrativa de deslizar para o passado; ela indica o significado desses acontecimentos para nós agora e no futuro.⁹

Especialmente como o propósito dessa missão torna-se mais evidente aos discípulos à medida que se aproximam de Jerusalém, Jesus direciona a atenção deles para sua crucificação e ressurreição. Mesmo assim, mesmo depois que Pedro faz sua confissão maravilhosa de Jesus como o Cristo (Mt 16.13-20), ele repreende Jesus por falar de sua morte iminente (v. 21-23). Apenas depois da ressurreição, quando Jesus explicou em que sentido ele era o personagem central (Lc 24), os discípulos entenderam a história que as próprias Escrituras deles tinham antecipado. Na sua Grande Comissão, Jesus ordenou aos discípulos levarem suas mensagens a todos, batizando-os e ensinando-os em seu nome (Mt 28.18-20), e no Pentecostes eles receberam poder como testemunhas, para proclamar do que tinham visto e ouvido.

À medida que tomamos conhecimento dessa história, o Espírito nos convoca e escala como personagens dessa peça teatral em andamento. Juntamente com os discípulos na sua jornada da Galileia para Jerusalém, nós nos encontramos compreendendo o objetivo da missão de Jesus, não de fato compreendendo-o, e então realmente reconhecendo sua pessoa e obra. Por causa do Pentecostes, entendemos o significado da vida, morte, ressurreição e segunda vinda de Cristo mais do que os próprios discípulos antes da descida do Espírito.

Nas suas epístolas, os apóstolos desenvolvem e interpretam, sob a inspiração do Espírito, essa peça teatral (2Tm 3.10-17; 2Pe 1.16-21), relacionando os vários aspectos do evangelho e explicando suas implicações para a nova sociedade inaugurada pela ressurreição de Cristo. Nesse ponto, eles veem de maneira clara o que era menos evidente a eles antes, interpretando não apenas sua própria experiência de testemunhas oculares da pessoa e obra de Cristo, mas a narrativa do Antigo Testamento que culminou em tal experiência. Sob esse testemunho apostólico, nós também podemos descobrir o significado desses acontecimentos. É a doutrina que define e refina a nossa compreensão da peça em desenvolvimento. Quando Filipe foi enviado ao tesoureiro da corte da Etiópia, juntou-se a ele em sua carruagem quando ele estava lendo Isaías 53. “Compreendes o que vens lendo?”, Filipe perguntou. O tesoureiro respondeu: “Como poderei entender, se alguém não me explicar? E convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele. [...] Então, Filipe explicou; e, começando por essa passagem da Escritura, anunciou-lhe a Jesus” (At 8.30-31,35). Essa é a razão pela qual Cristo deu mestres à sua igreja – em primeiro lugar, profetas e apóstolos, e agora pastores e mestres.

À parte dessa narrativa dramática, a doutrina torna-se abstrata, como os axiomas matemáticos. No entanto, se nos concentrarmos apenas na história cristã (a tendência de algumas teologias narrativas), perderemos as implicações cruciais desse enredo e as conexões internas entre suas várias sequências.

⁹ Paul Ricoeur, *Figuring the sacred: Religion, narrative, and imagination* (trad. David Pellauer; org. Mark I. Wallace; Minneapolis: Fortress, 1995), 173.

Como Dorothy Sayers observou em *The lost tools of learning* [Os instrumentos perdidos do aprendizado], começamos nosso desenvolvimento educacional imitando nossos pais, irmãos mais velhos e professores. Nesse estágio do “bê-á-bá”, as crianças deleitam-se em rimas simples e frases repetitivas que de modo crescente tornam-se o repertório do conhecimento básico do qual elas vão extrair durante o restante da vida. Então, à medida que caminhamos para a adolescência, gostamos de argumentar. Começando a pensar por meio de conexões lógicas entre os diversos fatos do nosso conhecimento e experiência, entramos no estágio *dialético*, tipicamente um período de questionamento, testes e pensamentos sobre por que cremos no que cremos. Pelo menos no passado, pensava-se que o propósito do colégio era formar nossos hábitos de pensamento e expressão quando entramos no nosso estágio *retórico* de desenvolvimento.

No nosso crescimento e discipulado cristãos, também passamos por esses estágios. Seja como novos convertidos ou como crianças que cresceram na igreja, somos apresentados a palavras tais quais *Deus, redenção, Trindade, imagem de Deus, meios de graça, justificação e escatologia*. No devido tempo, nós nos tornamos suficientemente competentes com essa nova linguagem a ponto de fazermos boas perguntas – até mesmo a ponto de desafiar os nossos professores a que nos deem razões para essa fé que professamos e que nos mostrem como as várias doutrinas estão relacionadas umas às outras num sistema de verdades. Ao questionar e testar nossa interpretação da Palavra de Deus, passamos a conhecer aquilo em que cremos e por que cremos, de modo que a gramática da fé torna-se nossa linguagem de adoração, por meio da qual interpretamos toda a realidade e vivemos no mundo.

A teologia é o interesse de cada cristão porque é o “bê-á-bá” da fé cristã. Imagine qual seria o resultado se as escolas do ensino fundamental decidissem eliminar o ensino do alfabeto, das tabelas de multiplicação ou a diferença entre um substantivo e um verbo simplesmente porque as crianças frequentemente as veem como irrelevantes, tediosas e mecânicas? Por experiência, sabemos quanto é difícil aprender uma nova língua como adultos em comparação com as crianças: seja a nova gramática do francês, hebraico, mandarim ou a língua de uma nova vocação. Aqueles dentre nós que cresceram com máquinas de escrever com frequência ficam impressionados com a habilidade superior que nossas crianças têm com o computador pela aprendizagem da gramática dessa tecnologia recente num estágio em que tal gramática é mais facilmente adquirida. Se decidíssemos que nunca mais aprenderíamos nada que é difícil, complicado e frequentemente tedioso, a gama de nosso conhecimento, emoções e experiências humanas tornar-se-ia bastante limitada. Perderíamos alguns dos aspectos mais interessantes e satisfatórios da realidade.

Na teologia sistemática, juntamos todos esses estágios: ensino do vocabulário e regras de discurso (“bê-á-bá”) do cristianismo, investigação de sua consistência e coerência internas, bem como comparação e contraste com interpretações rivais (lógica), de modo que possamos defender nossa fé de uma maneira que

seja informada, persuasiva e gentil (retórica) (1Pe 3.15-16). Na sua ascensão à mão direita do Pai em poder e glória, Jesus Cristo derramou seus dons sobre a igreja, incluindo pastores cujo ministério de pregação e ensino traz completude, edificação, unidade e maturidade ao corpo de Cristo de tal modo que “não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo [...]” (Ef 4.14-15).

C. DOXOLOGIA: DIZENDO “AMÉM!”

Quando a doutrina é compreendida no contexto de sua narrativa dramática, encontramos-nos estupefatos pela graça de Deus em Jesus Cristo, rendendo-nos à *doxologia* (louvor). Longe de nos tornarmos senhores, tornamo-nos senhores-ados; em vez de nos apegarmos à verdade, somos agarrados por ela, cativados pelo dom de Deus, para o qual podemos apenas dizer: “Amém!” e “Louvado seja o Senhor!” Esse padrão pode ser discernido nas epístolas apostólicas. Por exemplo, depois de conduzir os ouvintes pelos cumes alpinos da graça eletiva, justificadora, regeneradora, santificadora e preservadora de Deus – com a consumação ainda por acontecer – Paulo irrompe em maravilhamento ante a visão: “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31). Depois de outro excuro sobre os propósitos da eleição de Deus, Paulo exclama,

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!
Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!
Quem, pois, conheceu a mente do Senhor?
Ou quem foi o seu conselheiro?
Ou quem primeiro deu a ele
para que lhe venha a ser restituído?
Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm 11.33-36)

Sem conhecer o enredo dramático e sua importância doutrinária, nossa doxologia torna-se desfocada. Nosso louvor perde não apenas em profundidade, mas também em base lógica: pelo quê, exatamente, estamos louvando a Deus? Estamos respondendo ao caráter e obras de Deus, ou meramente nos expressando?

Ao mesmo tempo, a doxologia desafia nosso orgulho intelectual e reduz nossa sede por especulação. A sã doutrina é um combustível para a nossa adoração, e não para a luta sectária. Quando o apóstolo Paulo atinge o limiar da majestade de Deus nessas doxologias que citei, ele não mais faz perguntas e as responde, mas adora ao Deus que foge à nossa compreensão.

Os melhores teólogos na História têm evidenciado uma submissão semelhante ao mistério. Por exemplo, em vários pontos de suas *Institutas*, João Calvino

resume sua interpretação de um ensino da Escritura e então exorta-nos a adorar o mistério em vez de tentar compreendê-lo. Séculos antes, Anselmo de Cantuária escreveu até mesmo suas investigações mais profundas em forma de oração, como esta que se tornou famosa: “Não vou me esforçar, ó Senhor, para penetrar a tua sublimidade, pois de modo algum posso comparar minha compreensão com ela, mas desejo entender em alguma medida a tua verdade, na qual o meu coração crê e à qual ele ama. Isso porque não procuro compreender aquilo em que creio, mas creio para que possa compreender”.¹⁰

D. DISCIPULADO: O CAMINHO DE CRISTO NO MUNDO

Com nossa mente transformada pela Palavra de Deus de modo que somos reconhecidamente cativos do louvor a Deus, somos refeitos à imagem de Cristo como novos personagens na sua peça teatral. A teologia está inextricavelmente ligada ao batismo. Ao fazer seu juramento de cidadania, os imigrantes começam a aprender a linguagem e os costumes do seu novo país. No batismo, o juramento *de Deus* vem primeiro. No entanto, quando Deus nos reclama como beneficiários de suas misericórdias pactuais em Cristo, somos transportados do império desvanescendo do pecado e morte para o reino de graça. Como sinal visível e selo da promessa salvífica de Deus, o batismo também provoca nossa resposta de arrependimento e fé – não apenas uma vez, mas por toda a nossa peregrinação. Isso é chamado de *mortificação* e *vivificação*: reconhecendo que o nosso “velho eu” (o personagem sem saída “em Adão”) foi crucificado e sepultado com Cristo e o nosso “novo eu” foi ressuscitado com Cristo. Aprender a Palavra de Deus – incluindo sua doutrina – é uma responsabilidade não negociável da nossa nova cidadania. Aquele que é batizado tem o privilégio e a obrigação de aprender a língua de Sião.

A menos que sejamos deslocados das histórias da era passageira para nossa nova identidade em Cristo e comecemos a entender as implicações desse novo papel, nosso discipulado será um pouco mais do que moralismo. Meramente imitar o exemplo de Cristo é diferente de estar unido a Cristo pela fé, apresentando o fruto de sua vida ressurreta. É o credo que dá origem ao louvor e, portanto, ao amor, ao serviço e ao testemunho, feitos de maneira informada e sincera ao próximo no mundo. Doutrina separada de prática é morte; prática separada de doutrina é apenas outra maneira de autossalvação e autoaperfeiçoamento. Um discípulo de Cristo é um estudante de teologia. Embora o conceito bíblico de discipulado certamente signifique mais do que estudo, ele não significa menos. A prática comum de seguir um rabi (que significa “mestre”), para receber instrução diária formal e informal, era o padrão do ministério de Jesus. A palavra na nossa língua, *discípulo*, de fato, vem do substantivo latino *discipulus*, que significa “estudante”.

¹⁰ Anselmo, “Proslogion”, em *St. Anselm, proslogium and monologium* (trad. Sidney Norton Deane; Chicago: Open Court, 1935), 6.

Apenas depois de ter entendido e vivenciado esse evangelho surpreendente encontramos a motivação correta para o nosso *discipulado* no mundo. Assim, Paulo escreve:

Rogo-vos, pois, irmãos, *pelas misericórdias de Deus*, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.1-2, itálico acrescentado).

Nos 11 capítulos anteriores, Paulo havia explorado o vale traiçoeiro da nossa condenação em Adão e os píncaros empolgantes da nossa salvação em Cristo. Ao longo do caminho, os argumentos doutrinários foram pontuados com exclamações doxológicas. Apenas agora – por causa das misericórdias de Deus – o chamado ao discipulado torna-se nosso “culto racional” de adoração, e não apenas mera obrigação. Agora, podemos oferecer a nós mesmos, não como sacrifícios mortos de expiação, mas como *sacrifícios vivos* de gratidão. Não podemos afirmar que nos interessamos por Deus ou pela Bíblia se consideramos a doutrina insignificante. A concepção neotestamentária de discípulo não era em primeiro lugar um modo de viver que Jesus conclamou os discípulos a imitar, mas um ministério messiânico único que ele os chamou a compreender por meio dos seus ensinamentos e ações. Eles foram chamados, em primeiro lugar e principalmente, para serem *testemunhas* – apontando para longe de si mesmos à Palavra que se fez carne para a nossa salvação.

E. JUNTANDO TUDO: O NOVO PAPEL DE DEUS PARA NÓS NA SUA PEÇA TEATRAL

Esse movimento para frente e para trás entre drama narrativo, doutrina, doxologia e discipulado é evidente ao longo das epístolas do Novo Testamento. Ele também é aparente nos Salmos, o hinário da Bíblia, em que frequentemente descobrimos o relato dramático dos poderosos atos de Deus a despeito do pecado humano, provocando no salmista um louvor grato e, então, uma resposta de fé e obediência. Isso não significa que sempre nos movemos em linha reta do drama para o discipulado. Às vezes, algo que acontece na nossa experiência nos desperta para uma verdade que nunca havíamos compreendido de fato, e às vezes, a nossa prática molda e deforma as nossas convicções doutrinárias. Muitas vezes, uma doutrina mais ou menos aprendida ou um episódio parcialmente lembrado no drama redentor torna-se mais completamente compreendido em oração e louvor, especialmente em momento de crise ou de delicioso maravilhamento. O tráfego se move em todas as direções, para frente e para trás e entre essas coordenadas, de modo que nossa fé é ancorada na obra do Deus trino e chega ao nosso próximo em amor.

De modo geral, períodos de reforma, tanto nas pessoas quanto na igreja corporativamente, vêm da redescoberta desse padrão circular de drama bíblico para doutrina, desta para doxologia e desta para o discipulado. Períodos de declínio geralmente fazem o caminho inverso. Primeiro, *começamos a questionar a confiabilidade da narrativa*. Como podemos encontrar nossa própria história no drama da milagrosa intervenção de Deus na História para os pecadores, quando nosso mundo parece governado por nada mais do que processos e causas naturais ou humanamente concebidos? As doutrinas podem ser verdadeiras, mas sua narrativa histórica torna-se questionável. Segundo, *as doutrinas são submetidas à crítica na medida em que as pessoas reconhecem que a doutrina depende da narrativa*. Ninguém crê que Jesus ressuscitou de entre os mortos por causa de qualquer lei da natureza, da razão ou da moralidade. Não é um veredito da experiência religiosa universal. Portanto, se Cristo não foi de fato ressuscitado corporalmente no terceiro dia, então não há base para especular sobre a “doutrina da ressurreição”. Terceiro, *a adoração perde a sua base lógica*. Ainda podemos expressar nossa experiência interior de piedade (pelo menos por um tempo), mas no final isso nos levará à exaustão, pois é autorreferente. Nosso coração é movido pela verdade e não por exercícios vazios. Finalmente, *tornamo-nos discípulos mais da cultura do que de Cristo*. Em vez de sermos transformados pela renovação da nossa mente, tornamo-nos conformados ao padrão dos nossos próximos não cristãos (Rm 12.1-2). Num último anseio por autenticidade religiosa, a igreja tenta defender a moralidade judaico-cristã (discipulado), mas essa é uma tentativa desesperada. A batalha já foi perdida em estágios anteriores. Sem os credos, as ações não passam de mero moralismo.

Como cristãos individuais e como igrejas, estamos sempre inclinados a cair, a menos que sejamos trazidos de volta à Palavra pelo Espírito. Portanto, precisamos sempre de uma teologia baseada na Palavra, na dependência do Espírito. O estudo da doutrina cristã é sempre uma tarefa indispensável para a fé e prática de toda a igreja – não apenas de estudiosos ou mesmo de pastores, mas de toda a comunhão dos santos. Toda pessoa que confessa o credo deveria estar sempre crescendo no entendimento de sua profundidade e implicações.

A alternativa a esse crescimento na graça e no conhecimento de Cristo não é uma experiência piedosa ou boas obras, mas a assimilação gradual dos poderes desta era má passageira. O drama bíblico traça nosso caráter “em Adão” por meio do nosso nascimento natural nesta atual era ímpia. Não obstante,

segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo (1Pe 1.3-5).

Antes estranhos à promessa de Deus, somos agora reinscritos no roteiro de Deus. Não deveríamos nunca perder nosso assombro pela boa-nova de que em Cristo até mesmo os gentios podem ouvir o divino dramaturgo declarar:

Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia. (1Pe 2.9-10)

As marcas-chave nesse enredo não são pré-modernidade, modernidade ou pós-modernidade, mas antes e depois da ressurreição de Cristo de entre os mortos. Visto que Cristo foi ressuscitado como as primícias da nova criação, estamos vivendo nestes “últimos dias” (2Tm 3.1; Hb 1.2; Tg 5.3; cf. 1Pe 1.5) que antecedem o “último dia”, quando Jesus voltará em glória e juízo (Jo 6.40; 12.48). O Espírito cria a igreja na interseção entre “esta era” e a “era porvir” (Mt 12.32; 24.3; 1Co 2.6; Gl 1.4). Portanto, é esse drama que nos orienta como personagens novos que sabemos onde estávamos, onde estamos e para onde estamos indo.

A história do mundo não precisa ser ensinada a ninguém; nós nascemos com ela, como filhos caídos de Adão. No entanto, temos de ser ensinados a como *sair dela* por pastores e professores persistentes, que sabem que, por natureza, preferimos pensar de modo diferente a respeito de Deus e de nós mesmos do que do modo que as Escrituras prescrevem. Paulo adverte Timóteo:

Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder (2Tm 3.1-5).

É a renovação constante da nossa mente pela Palavra de Deus que nos reorienta para longe desta era passageira com seu enredo sem sentido, suas palavras vãs (Ef 5.6) e suas “filosofia e vãs sutilezas” (Cl 2.8), em direção à herança eterna em Cristo.

Isso acontece, em primeiro lugar, na reunião regular do povo de Deus – o chamado ao elenco que nos transfere da morte para a vida por meio da pregação e dos sacramentos. No entanto, não podemos tomar essa identidade como certa. Devemos ser constantemente renovados nessa herança, visto que nosso cenário-padrão é sempre o roteiro que governa as idolatrias da nossa era atual. Ademais, visto que somos criados por Deus inerentemente como criaturas pactuais – em relacionamento com Deus e uns com os outros, e visto que a redenção restaura essa identidade extrovertida – a teologia é mais bem produzida em comunidade

e diálogo em vez de isolamento solitária. Teologia sempre é feita para e pela igreja. Por isso, incluí perguntas para discussão ao final de cada capítulo na esperança de que elas incentivem interações produtivas e vivas sobre as questões que são importantes para todos.

II. POR QUE TEOLOGIA SISTEMÁTICA?

Cada disciplina ou campo de pesquisa tenta reunir pontos específicos num todo integrado enquanto permite que o todo seja determinado pelas suas partes. A teologia sistemática é como a tampa da caixa de um quebra-cabeça, e cada cristão é um teólogo no sentido de que está reunindo as peças. Se não conseguirmos reconhecer que há uma tampa com a figura completa (i.e., o todo unificado) na Escritura, teremos apenas um amontoado de peças. *Slogans* simplistas, fórmulas e frases de efeito não serão suficientes para transmitir a riqueza das Escrituras.

Além disso, rejeitar a importância de um entendimento sistemático da fé é negar, pelo menos por implicação, que a Bíblia é um *cânon* – ou seja, uma coleção de textos variados que são unidos pela sua origem divina (o Pai falando), seu conteúdo (a obra de redenção do Filho) e seu poder para produzir o mundo sobre o qual eles falam (a obra do Espírito de inspiração, iluminação e regeneração). Assumir que não podemos derivar das Escrituras um ensino sistemático sobre Deus, criação, humanidade, a pessoa e obra de Cristo, a aplicação da redenção, a igreja, e nossa esperança futura é no mínimo deixar implícito que presumimos que a própria Bíblia é autocontraditória ou pelo menos insuficiente para fornecer uma fé e prática unificada.

No entanto, se ignorarmos o padrão que nos foi dado pela própria Escritura, tentaremos forçar as peças para caber nos nossos conceitos prévios. Todos temos pressuposições quando nos aproximamos de qualquer passagem, doutrina ou prática bíblicas. Desse modo, temos uma teologia sistemática operacional, queiramos ou não. Ao reconhecer que nós de fato temos certas pressuposições sobre o ensino completo das Escrituras, estamos mais habilitados para avaliá-las e apreciá-las. No mínimo, nosso objetivo deveria ser o de ir para frente e para trás entre o todo e as partes. Assim como o todo fornece um contexto para compreendermos as partes, as partes podem desafiar nossa compreensão do todo. Em outras palavras, o sistema pode mudar – que é exatamente o que acontece nas revoluções teológicas, bem como nas sociais, políticas e científicas.¹¹

Juntando o drama, a doutrina, a doxologia e o discipulado que nos convocam como novos personagens na peça teatral de Deus, a teologia sistemática trabalha de maneira muito próxima com suas disciplinas irmãs. A teologia sistemática depende de uma exegese cuidadosa da Escritura, colhendo os frutos dos labores dos *estudos do Antigo* e do *Novo Testamentos*. Ela também depende da *teologia*

¹¹ Veja, por exemplo, Thomas Kuhn, *The structure of scientific revolutions* (Chicago: Univ. of Chicago Press, 1996).

histórica e da *história da igreja* para a sua compreensão da maneira em que a igreja tem interpretado a Palavra de Deus, tanto de modo fiel quanto infiel, num esforço para seguir sua sabedoria e evitar suas loucuras.¹² Do mesmo modo que acontece com as demais disciplinas, a teologia não pode começar do zero a cada nova era ou pensador profundo. Nós sempre estamos sobre os ombros daqueles que vieram antes de nós, tomando como certas diversas conclusões que aprendemos a partir de um consenso maior. Somos herdeiros da verdade e do erro, da clareza e da confusão, da fidelidade e da loucura. Apenas envolvendo o passado podemos adquirir os recursos para interpretar as Escrituras no nosso tempo e lugar.

A teologia sistemática também considera a *teologia prática* (às vezes chamada de teologia pastoral), ética e apologética a fim de manter sua reflexão intimamente ligada à batalha concreta do corpo de Cristo e sua missão no mundo.

A despeito disso, talvez a subdisciplina mais próxima da teologia sistemática seja a *teologia bíblica*. Como um mapa topográfico, a teologia bíblica coloca juntas todas as vertentes para nos ajudar a ver o desenvolvimento orgânico da revelação e da redenção, da eleição à glorificação. Vemos os picos altos, os vales profundos, os rios e as planícies que nos levam da promessa ao cumprimento. A teologia bíblica fixa nossa atenção no desenvolvimento histórico de diversos temas, apontando para suas continuidades e descontinuidades – as “muitas vezes” e “muitas maneiras” em que Deus falou “aos pais, pelos profetas”, mas “nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (Hb 1.1-2). Nela discernimos não apenas os estágios iniciais da redenção na História, mas a ruptura escatológica e vertical da História causada pela descida de Deus. Com cada era nova da história da redenção, discernimos a “coisa nova” que Deus fez visando a dar continuidade aos seus propósitos em Jesus Cristo. Reconhecemos Yahweh como nosso Deus, ainda mais plenamente conhecido em Cristo e pelo Espírito como o Deus trino. À medida que a narrativa avança, podemos traçar o crescimento da igreja a partir da primeira família humana até a nação de Israel e, agora, até as partes mais longínquas da terra.¹³

No entanto, é a teologia sistemática que reúne todos esses temas com o objetivo de mostrar suas conexões lógicas. Geerhardus Vos, teólogo de Princeton do começo do século 20, explicou de modo muito interessante a harmonia entre a teologia sistemática e a teologia bíblica, que é realmente o que queremos dizer quando falamos de doutrina e narrativa: “Na teologia bíblica, o princípio é histórico; na teologia sistemática, o princípio é de construção lógica. A teologia bíblica traça uma *linha* de desenvolvimento. A teologia sistemática desenha um *círculo*”.¹⁴ Por exemplo, a doutrina da Trindade não caiu do céu de uma vez, mas foi revelada

¹² Em muitos sistemas protestantes (e faculdades de teologia), há também uma subdisciplina conhecida como teologia confessional ou simbólica, que se concentra especificamente nos credos, confissões e catecismos de uma tradição ou denominação particular.

¹³ Como a teologia sistemática, a teologia bíblica toma formas diferentes. O movimento de teologia bíblica associado com Oscar Cullmann, Gerhard von Rad e G. E. Wright, por exemplo, é mais influenciado pelos pressupostos da alta crítica do que a teologia bíblica de Geerhardus Vos, Herman Ridderbos e outros.

¹⁴ Vos, *Biblical theology*, 16.

progressivamente conforme o plano de Deus foi se desenvolvendo na História. A teologia bíblica segue esse desenvolvimento orgânico, enquanto a teologia sistemática coloca esses conhecimentos na forma de um dogma e relaciona a Trindade às outras doutrinas das Escrituras. Se a teologia bíblica é um mapa topográfico, a teologia sistemática está mais para um mapa de rua, apontando as conexões lógicas entre as várias doutrinas espalhadas pelas Escrituras. Sem a teologia bíblica, a teologia sistemática facilmente acabaria com o dinamismo da revelação, transformando-o em verdades eternas; sem a teologia sistemática, a teologia bíblica acabaria com a coerência interna da Bíblia – a relação das partes com o todo.

Por “sistema” ou “sistemática”, não deveríamos imaginar um gráfico abrangente que mapeie todo o ser interior de Deus, sem deixar nenhuma pergunta sem resposta. Pelo contrário, como nas ciências naturais, quanto mais compreendemos a verdade de Deus, mais somos chocados pelo mistério. Em vez da imagem de um sistema especulativo, deveríamos pensar em termos mais orgânicos, como um ecossistema no qual diversidade e unidade interdependentes são igualmente importantes. Assumir que a própria Bíblia nos dá um sistema de doutrina e prática é simplesmente reconhecer sua unidade orgânica como um cânon único: a interdependência e coerência dos seus vários ensinamentos.

Também há uma diferença entre teologia sistemática e *dogmática*, no sentido de que esta última se envolve numa análise mais profunda das doutrinas cristãs do que um resumo sistemático pode fornecer. Tenho usado essa distinção no meu próprio trabalho. Enquanto este presente volume procura fornecer um resumo da doutrina cristã nas suas relações sistemáticas, escrevi também uma série de quatro volumes sobre dogmática, nos quais exploro tópicos particulares em mais detalhes, com mais exegese, bem como um maior envolvimento com concepções alternativas.¹⁵ Meu objetivo foi me concentrar em tópicos específicos da teologia contemporânea. Eu tinha um programa específico: refletir sobre o potencial da *aliança*, não como um dogma central, mas como uma estrutura que pertence à estrutura integral da própria Bíblia. No entanto, uma teologia sistemática é totalmente diferente. É mais disciplinada no sentido de que todos os principais tópicos da teologia devem ser cobertos e apresentados em suas relações. Meu objetivo neste presente resumo do ensino cristão é relacionar todas essas subdisciplinas (teologias bíblica, histórica, pastoral e dogmática).

III. DE VOLTA ÀS FONTES!

Sempre falamos de diversas escolas teológicas – franciscanos e dominicanos, calvinistas e arminianos, bartianos e batistas. Não há nada errado em especificar círculos particulares de interpretação. De fato, a honestidade requer que

¹⁵ A série foi publicada pela Westminster John Knox Press e inclui os seguintes volumes: *Covenant and eschatology: The divine drama* (2004); *Lord and Servant: A covenant Christology* (2005); *Covenant and salvation: Union with Christ* (2007) e *People and place: A covenant ecclesiology* (2008).

reconheçamos nossos próprios compromissos confessionais em vez de fingir que estamos indo às Escrituras sem preconceitos. Não obstante, os teólogos não escrevem (pelo menos não deveriam) para escolas, mas para a igreja e deveriam, desse modo, objetivar a “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3), a qual une toda a família de Cristo numa esperança comum.

Estou escrevendo da perspectiva de um cristão reformado que vive na América do Norte. Não presumo falar *em nome de* todos os cristãos a partir de uma suposta “visão de parte alguma” imparcial, mas espero falar *para* todos os cristãos a partir de uma perspectiva reformada a respeito da fé que temos em comum. Para colocar isso de modo diferente, não acredito que haja uma coisa chamada “fé reformada”, assim como não há uma “fé luterana” ou “fé batista”. Há *uma fé* – a fé cristã – e este volume é uma tentativa de explorar essa fé conforme resumida nas confissões de fé do cristianismo reformado.

Embora tenha havido conquistas importantes no período medieval, o humanismo renascentista restaurou um interesse pela História e pelas línguas originais. *Ad fontes!* (“De volta às fontes!”) era o clamor. Foi desse movimento que a Reforma nasceu, voltando aos textos originais em hebraico e grego das Escrituras, em vez de depender da vulgata latina e dos comentários. Visto que a igreja é criada e sustentada pela Palavra, não é de admirar que sempre que a igreja volta ao seu manancial original, novos períodos de reforma e avivamento ocorram.

Como toda ciência, a teologia não é autônoma para determinar seu próprio conteúdo e forma, mas é limitada pela realidade. Não menos do que genética ou astronomia, a teologia envolve subjetividade (i.e., o ato de interpretar a partir do contexto e das pressuposições de alguém) conquanto vise à realidade objetiva. Os dados (nesse caso, a Escritura) podem sempre virar uma teoria de cabeça para baixo ou mudar um paradigma inteiro. Em todas as disciplinas, incluindo a teologia, períodos de descoberta (ou redescoberta) foram geralmente seguidos de períodos de refinamento e sistematização. A revolução copernicana na ciência gerou um novo paradigma, mas seus detalhes foram trabalhados ao longo de gerações sucessivas. Como a teoria tinha de se sustentar diante de grandes desafios, ela acabou sendo vindicada, ainda que tenha sido refinada e ajustada à luz dos dados disponíveis e objeções ao longo do caminho.

Do mesmo modo, a Reforma produziu a era da ortodoxia protestante (também conhecida como escolasticismo protestante). Foi essa era que refinou os discernimentos da Reforma e produziu nossas confissões e catecismos, liturgias, constituições e manuais eclesiais e hinos evangélicos. As igrejas mais antigas foram reformadas e novas igrejas foram iniciadas. De fato, a partir dessa era confessional é que as missões protestantes tiveram seu início. Também foi uma era de conquistas impressionantes na erudição bíblica e na teologia pastoral. A ortodoxia protestante foi um projeto ecumênico, procurando refinamento não apenas por meio da crítica de outras tradições, mas aproveitando o melhor do Oriente e do Ocidente, bem como das teologias antiga, medieval e contemporânea. Em outras palavras, foi uma era não apenas de reforma, mas também

de consolidação: voltar às Escrituras originais e integrar o melhor do passado com as ideias da Reforma. Mesmo quando assumia uma postura polêmica (i.e., crítica), esses teólogos estavam muito mais familiarizados com outras tradições cristãs do que tendemos a ser hoje. Mesmo quando estavam debatendo, eles estavam no mínimo falando com aqueles de dentro e de fora da sua própria tradição confessional, e sempre que possível eles enfatizavam a continuidade da fé cristã em vez de tentar fazer revoluções e inovações radicais.

Embora sempre tenha tido uma relação crítica com a ortodoxia reformada, Karl Barth expressou sua dívida para com esses teólogos por tê-lo apresentado à riqueza e profundidade da reflexão dogmática da igreja – em nítido contraste com Friedrich Schleiermacher e a teologia liberal. Assim que Barth começou a preparar as palestras de Göttingen, ele expressou admiração sobre como a sua formação pôde ignorar a rica herança da ortodoxia protestante. O neoprotetantismo (i.e., liberalismo) tentou “levar a termo” esse período com propostas sempre novas que na verdade eram pouco mais do que “uma nova mistura de Iluminismo e pietismo”. No entanto, Barth percebeu,

o sucesso pode vir apenas se tivermos previamente aprendido a ler os reformadores como os mestres da igreja e, com eles, as Escrituras como o documento para a existência e natureza da igreja e, a partir disso, perguntar o que a ciência da igreja deveria ser. Isso pode ser aprendido, e não apenas isso, deve ser aprendido a partir dos antigos teólogos protestantes.¹⁶

Numa época em que até mesmo certos ramos da teologia evangélica parecem inconscientes desse recurso importante, a advertência de Barth aos seus próprios alunos é tão válida hoje quanto foi no início do século 20:

Mesmo que depois vocês mais tarde decidam concordar com a grande revolução de Schleiermacher que caracteriza quase toda a dogmática moderna, minha recomendação urgente é que vocês devem saber o que estão fazendo quando decidirem tomar esse caminho, tendo primeiro aprendido e considerado a dogmática não reconstruída dos escritores antigos.¹⁷

Segundo suas próprias reminiscências, a exposição ao escolasticismo reformado deu a Barth recursos para reconceber a teologia de um modo mais centrado em Deus e bíblicamente orientado.¹⁸ Até mesmo o teólogo existencialista liberal Paul Tillich sentiu-se compelido a defender o escolasticismo protestante

¹⁶ Karl Barth, “Foreword” a Heinrich Heppes *Reformed dogmatics: Set out and illustrated from the sources* (trad. G. T. Thomson; Londres: Allen & Unwin, 1950), vi – vii.

¹⁷ Karl Barth, *Göttingen dogmatics: Instruction in the Christian religion* (trad. Geoffrey W. Bromiley; Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 1:21.

¹⁸ Veja “Letter to Brunner, January 26, 1924”, de Barth citada em Bruce L. McCormack, *Karl Barth’s critically realistic dialectical theology: Its genesis and development, 1909 – 1936* (Nova York: Oxford Univ. Press, 1995), 332.

das caricaturas que ele encontrou entre os teólogos americanos.¹⁹ É claro que esses sistemas antigos são muitas vezes polêmicos – defendendo uma tradição contra outras. No entanto, ao fazê-lo, eles eram mais conscientes de toda a história das diversas interpretações bíblicas do que nós somos hoje. Ao andar pelos grandes corredores desses sistemas antigos, pode-se descobrir as concepções do antigo Oriente cristão, dos grandes teólogos latinos do Ocidente antigo e medieval, e os diferentes aposentos habitados por várias igrejas e tradições. Também é possível encontrar novos tesouros, descobertos por meio de exegese cuidadosa e da erudição mais recente em diversas disciplinas.

Não existe era de ouro, e mesmo que a desejássemos, não poderíamos simplesmente repetir a obra daqueles que vieram antes de nós. De fato, se seguirmos o exemplo deles, estaremos abertos para novas ideias oriundas da Palavra de Deus, sempre reformando nossos sistemas para nos conformarmos àquela regra. “De volta às fontes!” em nossos dias não significa simplesmente um retorno a esses sistemas antigos, mas à fonte das Escrituras e às ricas, profundas e caudalosas correntes de reflexão ecumênica da qual eles beberam de maneira tão liberal.

Este volume tenta fazer um círculo (o mapa de rua) ao atentar de perto para a paisagem ampla e abrangente da teologia bíblica (o mapa topográfico). O objetivo é uma doutrina que possa ser não apenas compreendida, explicada e articulada, mas também pregada, experimentada e vivida como um “teatro comunitário” no mundo de hoje. Assim, vamos assistir juntos à maior de todas as peças teatrais jamais encenadas – um enredo cuja *performance* nos atrai, não como os próprios personagens originais (como os mestres da modernidade teriam feito) – mas também não mais como meros espectadores (como atores improvisados) – mas como um elenco crescente de peregrinos fazendo seu caminho juntos seguindo seu Redentor real numa procissão rumo à Cidade de Deus.

¹⁹ Paul Tillich, *A history of Christian thought* (Nova York: Simon and Schuster, 1968), 276-77. “A ortodoxia”, ele explicou, “é maior e mais séria do que aquilo que é chamado fundamentalismo na América.” Enquanto o fundamentalismo é um movimento reacionário com pouca profundidade ou consciência dos recursos da cristandade católica, “a ortodoxia clássica tinha uma grande teologia. Também poderíamos chamá-la de escolasticismo protestante.” Ele continuou: “Quando falo de ortodoxia, refiro-me ao modo pelo qual a Reforma se estabeleceu como uma forma eclesial de vida e pensamento depois que o movimento dinâmico da Reforma acabou. É a sistematização e consolidação das ideias da Reforma. [...] Por isso, deveríamos lidar com esse período de uma maneira muito mais séria do que é geralmente feito na América. Na Alemanha, e geralmente nas faculdades de teologia europeias – França, Suíça, Suécia, etc. –, era exigido de cada estudante de teologia que aprendesse de cor as doutrinas de pelo menos um teólogo clássico do período pós-reforma de ortodoxia. [...] Nós deveríamos conhecer essas doutrinas porque elas formam o sistema clássico do pensamento protestante. É uma situação lastimável quando as igrejas protestantes de hoje nem mesmo conhecem a expressão clássica dos seus próprios fundamentos nas dogmáticas da ortodoxia. [...] Toda a teologia de hoje depende, de alguma maneira, dos sistemas clássicos de ortodoxia.”